

## Erin Manning > Por um senso vazante do self<sup>1</sup>

Tradução: Maurilio Machado Lima Junior >>

### Resumo

Na teoria psicanalítica de Esther Bick, a relação do bebê com o mundo é mediada pela capacidade da pele de servir como um invólucro contentor da experiência (*container*). No decorrer do desenvolvimento do bebê essa contenção (*containment*) passa a exprimir cada vez mais a coesão do self, fomentado pela contínua interação com quem lhe presta cuidados. Através da ênfase em formas particulares de interação – formas que envolvem especificamente o contato pele-com-pele – o bebê constitui o receptáculo necessário para a sua eventual autossuficiência interativa. Mas e se a pele não fosse um invólucro contentor? E se a pele não fosse um limite no interior do qual o self começa e termina? E se a pele fosse uma superfície porosa e topológica, composta de uma infinidade de estratos potenciais capazes de organizar a relação entre diferentes ambientes, cada qual uma multiplicidade de dentro e fora? Este artigo explora essas questões e o faz com base no pensamento de Daniel Stern sobre a infância.

**Palavras-chave:** Bick. Invólucro Contentor. Pele. Stern.

### Abstract

In Esther Bick's psychoanalytic theory, the infant's relation to the world is mediated by the skin's capacity to serve as a container for experience. As the infant develops, containment increasingly expresses cohesion of self, as fostered by the continued interaction with the caretaker. Through an emphasis on particular forms of interaction – forms that specifically involve skin-to-skin touch – an infant is given the receptacle necessary for eventual interactive self-sufficiency. But what if the skin were not a container? What if the skin were not a limit at which self begins and ends? What if the skin were a porous, topological surfacing of myriad potential strata that field the relation between different milieus, each of them a multiplicity of insides and outsides? This article explores these questions through Daniel Stern's account of infancy.

**Keywords:** Bick. Container. Skin. Stern.

> Erin Manning coordena uma cátedra de pesquisa e atua como professora de artes na Universidade de Concordia (Montreal, Canadá). Ela dirige o Sense Lab ([www.senselab.ca](http://www.senselab.ca)), um laboratório que explora as interseções entre a prática artística e a filosofia através da matriz do corpo senciente em movimento. Seu atual projeto no campo das artes intitula-se *Folds to Infinity* (Dobras para a Infinitude), uma coleção de tecidos experimentais composta de cortes que se conectam em uma infinidade de maneiras, dobrando-se de tal forma que permitem criar de roupas a arquiteturas ambientais (<http://erinmanning.lunarpages.net>). Entre suas publicações estão incluídas as obras *Relationscapes: Movement, Art, Philosophy* (MIT Press, 2009), *Politics of Touch: Sense, Movement, Sovereignty* (Minnesota University Press, 2007) e *Ephemeral Territories: Representing Nation, Home and Identity in Canada* (Minnesota University Press, 2003). E-mail: [emanning@alcor.concordia.ca](mailto:emanning@alcor.concordia.ca)

>> Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), na linha de Pesquisa "Estética e Filosofia da Arte". Foi professor efetivo da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e hoje trabalha na Universidade Federal Fluminense (UFF).

Esther Bick escreve:

Em sua forma mais primitiva, as partes da personalidade são sentidas como se não tivessem uma força vinculativa entre elas e, por esta razão, precisassem ser mantidas juntas, sem que elas tivessem qualquer controle sobre isso, pela pele, que funcionaria como uma barreira (BICK, 1987, p. 114).

Na teoria psicanalítica de Esther Bick, a relação do bebê com o mundo é mediada pela capacidade da pele de servir como um invólucro contenedor (*container*) da experiência. Antes da possibilidade da introjeção ou da projeção<sup>2</sup>, Bick (2002, p. 209) defende que o bebê deve tornar-se “capaz de se manter unido em sua própria ‘pele’, na ausência do objeto externo que o abraça e o aglutina, sem se derramar e sem desmoronar”. No decorrer do desenvolvimento do bebê, essa contenção passa a exprimir cada vez mais a coesão do self, fomentado pela contínua interação com quem lhe presta cuidados:

[...] se aquele que cuida estiver presente de maneira significativa, então a mente do bebê provavelmente será experienciada como integrada – como delimitada e coesa, ao passo que se o(a) cuidador(a) for significativamente ausente, então há mais chances da mente do bebê ser experienciada como não integrada – como desabando em pedaços (LAFRANCE, 2009, p. 9).

Através da ênfase em formas particulares de interação – mais especificamente as formas que envolvem o contato pele-com-pele<sup>3</sup> –, o bebê vai constituindo o receptáculo necessário para a sua futura autossuficiência interativa. Com a pele

1 N.T.: “Toward a Leaky Sense of Self” foi originalmente publicado como capítulo do livro *Always More than One: Individuation's Dance*, de Erin Manning (Durham, NC.: Duke University Press, 2013). A presente tradução e publicação foi gentilmente autorizada pela autora. Todas as citações foram traduzidas para o português. A revisão da tradução foi realizada pelo Coordenador Editorial da Revista Vazantes, Pablo Assumpção.

2 Como assinala Marc Lafrance (2009, p. 20), Bick é crítica em relação à sugestão de Melanie Klein de que todas as crianças são capazes de introjeções e projeções. Na literatura psicanalítica, esses são mecanismos de defesa. Introjeção refere-se a “[...] um processo inconsciente de incorporação das atitudes ou atributos de uma pessoa ausente – tal como o pai ou a mãe – no self. Através deste processo de incorporação, o self é capaz de se sentir mais próximo de quem está ausente e, como resultado, sua ansiedade é interrompida... A projeção se refere a um processo inconsciente de expulsar os pensamentos e sentimentos indesejáveis do self, depositando-os em outra pessoa. Através do processo de expulsão, o self é capaz de se livrar daquilo que não pode suportar sobre si próprio e, como resultado, sua ansiedade é aliviada.”

3 Lafrance escreve: “[...] de acordo com Bick, o sentimento de estar unido em sua pele não ocorre automaticamente no bebê. Esse sentimento precisa ser alcançado, e isso só acontece se o corpo do bebê for estimulado de modo a gerar uma experiência duradoura de circunscrição epidérmica. Se tudo correr bem e o bebê obtiver experiências regulares e confiáveis de contato pele-com-pele com quem lhe presta cuidados, com o tempo ele poderá internalizar – ou, como os kleinianos e Bick dizem, introjetar – a experiência da pele como um recipiente contenedor” (LAFRANCE, 2009, p. 10).

fechada por um senso de contenção-de-si (*self-containment*), o bebê não corre o risco de uma desterritorialização provocada pelo vazamento, desterritorialização que, em forma verdadeiramente psicanalítica, aparecerá junto com vários sintomas associados à necessidade de criar “segundas peles”<sup>4</sup>.

Mas e se a pele não fosse um invólucro contendor? E se a pele não fosse um limite no qual o self se origina e se remata? E se a pele fosse uma superfície porosa e topológica, continuamente compondo-se de uma infinidade de estratos potenciais, reagindo à relação entre diferentes ambientes, cada qual uma multiplicidade de dentro e fora? Seguindo a teoria psicanalítica, como a postulada por Bick, a pele-como-contendor reforça sentimentos de vivacidade (*aliveness*) e existência, ao passo que a falta de contenção promove um estado de incoerência associado com ansiedade e aniquilação (LAFRANCE, 2009). Sem autocontenção, “[...] o bebê receia que seu self se dissolva e, em última instância, vaze para um espaço sem limites” (LAFRANCE, 2009, p. 11). Postular a pele-invólucro-contendor como ponto de partida para a noção de suficiência interativa do self é partir da ideia de que o humano adequadamente contido detém o poder de participar ativa e protetoramente de interações self-self. As autointerações, ou interações self-self, dependem de um contorno estritamente delimitado entre o dentro e o fora<sup>5</sup>. Estas interações ocorrem dentro do domínio de *selves* (eu-mesmos) nitidamente delimitados. Entendemos “interação” aqui como um encontro entre duas entidades autocontidas (humano/humano ou humano/objeto). Mas e se, ao invés de colocarmos a interação self-self no centro do desenvolvimento do bebê, nós postulássemos a *relação* como chave da experiência? Entendida aqui em um sentido jamesiano (JAMES, 1996), a relação é um tornar aparente de um terceiro espaço aberto à experiência. Este terceiro espaço (ou intervalo) é ativo quanto às tendências da interação, mas não se limita a elas. A relação cria uma dobra na experiência de modo que o que emerge é sempre mais do que o soma de suas partes.

Mas, afinal, e se nem a pele nem o self fossem o ponto de partida da complexa matriz inter-relacional do ser e do “mundanizar”, ou emergência de mundos (*worlding*)<sup>6</sup>? O ser e os mundos

4 Bick descreve as segundas peles como formações “[...] através das quais a dependência do objeto [contendor] é substituída por uma pseudoindependência, pelo uso inadequado de certas funções mentais, ou talvez talentos inatos, com a finalidade de criar um substituto para essa função contendor da pele” (1987, p. 115 *apud* LAFRANCE, 2009, p. 11).

5 Lafrance escreve: “[...] Para Esther Bick, a experiência da pele como uma membrana de ligação e limitação deve ser alcançada, e esse alcance é vitalmente habilitado pelo contato com a membrana limitadora e de ligação de quem cuida. Uma vez que essa experiência tenha sido alcançada, o bebê começará gradualmente a desenvolver um senso de si mesmo como um ser com dentro e fora e, conseqüentemente, começará gradualmente a introjetar e projetar.” (LAFRANCE, 2009, p. 10). Lafrance explica ainda que essa diferenciação entre dentro e fora “precisa ser aprendida através de engajamentos corporais com um outro que lhe preste cuidados”, e para isso fornece o exemplo psicanalítico da relação da criança com o mamilo: “O conceito de um espaço interior que sustenta as partes que compõem o seu ‘si mesmo’ (self) é desenvolvido através da percepção da boca, um buraco na fronteira da pele, que é fechado com a chegada do mamilo. Esse espaço interior é assim sentido como aquele em que o objeto pode ser introjetado” (BRIGGS, 2002, p. 10 *apud* LAFRANCE, 2009, p. 10).

6 N.T.: A expressão “*worlding*” aparece em diversos momentos deste artigo e representa uma dificuldade particular para a tradução. A expressão em alemão “*zu welten*”, em Martin Heidegger, é a provável origem do uso de “*worlding*” por parte dos teóricos contemporâneos em língua inglesa. No Brasil, “*zu welten*” já foi traduzido como “mundanizar”, como modo de evidenciar o caráter emergente, inacabado e não estático do mundo. Entretanto, por motivos de clareza e estilo, a expressão “mundanizar” nem sempre coube na tradução do pensamento de Manning, aqui. Por esta razão, decidimos

(*being and worlding*) dependem de uma atividade de alcance (*of reaching-toward*)<sup>7</sup>. A ideia de alcance ressalta a relacionalidade inerente à experiência, uma espécie de sentir-com-o-mundo<sup>8</sup>. Esse alcance ou tender-para (*tending-toward*) é um sentir-com (*sensing-with*) que não ocorre estritamente no nível do sensório-motor. Ele acontece cruzando camadas de estratos, tanto atuais como virtuais<sup>9</sup>. Um olhar torna-se um tocar, um sentir torna-se um ouvir. Isso não se dá, porém, *sobre a pele* ou *dentro do corpo*, mas, sim, atravessando estratos, tanto concretos quanto abstratos, que constituem um agenciamento (*assemblage*). Este agenciamento é um corpo sensível (*sensing body*) em movimento, um corpo-mundo sempre tendendo e atendendo ao mundo. Em igual medida, o mundo também tende ao corpo. O corpo-mundo em contínua emergência (*body-worlding*) é muito mais que contenção, muito mais que invólucro. É um complexo sentir-agenciar (*feeling-assemblage*) que funciona como um interestrato entre diferentes ambientes coconstitutivos. É individuação antes de ser self, uma acolhida de ambientes associados que se dobram nos e através uns dos outros. Devir-self é um dos modos dessa dobra exprimir-se, mas nunca em direção a uma totalização do self – e, sim, sempre em direção à contínua individuação. O self é uma modalidade – uma singularidade – no percurso rumo a novas dobras. Essas dobras fazem surgir não um humano plenamente constituído, prontamente contido, mas estratos coconstitutivos de matéria, conteúdo, forma, substância e expressão. O self não é contido. É antes uma dobra de expressibilidade imanente.

As considerações de Daniel Stern sobre a infância evidenciam isso em termos psicológicos. Para Stern (1985, p. 6)<sup>10</sup>, a relação é sempre o primeiro princípio do mundanizar (*worlding*): “[...] o modo como fazemos a experiência de nós mesmos em relação aos outros fornece uma perspectiva organizadora básica para todos os eventos interpessoais”. O argumento de Stern preconiza a relação como primária, estabelecendo o relacional como fundamento através do qual qualquer senso de self se constitui. Ao defenderem em suas teorias psicanalíticas a interação como uma necessidade, as matrizes de Bick e, posteriormente, de Ogden (1989) não são relacionais: elas sempre pressupõem um self e um outro constituídos e delimitados (ou um self e um self). Stern, ao contrário, compreende a relação como o cerne do potencial interpessoal criativo, afastando-se, assim, eu diria, de um modelo

---

traduzir “*worlding*” às vezes como “emergência de mundos”, outras vezes como “mundo-em-formação” e, em alguns casos, quando já estava subentendido o caráter dinâmico e emergente deste mundo/ambiente, utilizamos simplesmente “mundos”, mantendo sempre o original em inglês entre parênteses.

- 7 Para um melhor entendimento do conceito de alcance (*reaching-toward*) em sua relação com uma política do toque, ver Manning (2007).
- 8 Em *The Politics of Touch* (MANNING, 2007), argumento que o sentir-perceber está sempre imbricado na atividade de buscar alcance (*reaching-toward*), uma atividade que nunca é restrita a um corpo uno ou self, mas que ativa uma complexa relação que se torna o local ou intervalo para o sentimento.
- 9 O virtual aqui não se opõe ao real. É sempre um aspecto integral do atual, ainda que inexpressível e inexperienciável como tal.
- 10 Embora o mundanizar, ou a emergência de mundos (*worlding*), conote uma abordagem para além do humano e Stern enfatize que sua abordagem é, acima de tudo, voltada para a interação humano-humano, acredito que os argumentos de Stern possam ser estendidos para além das relações estritamente humanas.

de interação self-self rumo a uma noção radicalmente empírica de relacionalidade imanente<sup>11</sup>.

Stern (1985, p. 6) começa no domínio pré-verbal, indicando que “[...] vários sentidos do si mesmo (*self*) já existem antes mesmo da autoconsciência e da linguagem”. Ao afirmar que existem “vários sentidos do si mesmo (*self*)”, Stern enfatiza que tendências delineadas na primeira infância não estruturam uma visão contida do self, mas, antes, levam à criação de uma multiplicidade de estratos, cada um deles diferentemente expressivos sob condições variáveis<sup>12</sup>.

Para Stern (1985), um senso fundamental do self envolve uma consciência não autorreflexiva. A consciência pré-verbal é vinculada por Stern à experiência direta. E a experiência direta é da ordem do evento. Semelhante ao conceito de “experiência pura”, de William James, definido como a borda virtual (não consciente) de toda experiência vivida, a experiência direta é uma forma de acolhimento imanente (Stern chama de organização), através do qual os eventos são experimentados como tais.

O evento ocorre, mas não no sujeito ou no objeto. Ele ocorre na própria relação<sup>13</sup>. Segundo Stern, a ocorrência dos eventos no início da infância leva à criação de modos de organização. Esses modos de organização não preexistem à experiência – são imanentes a ela. Através do estabelecimento das relações (organização) o bebê se desenvolve. Ao contrário da teoria psicanalítica de Bick e Ogden, o desenvolvimento para Stern não ocorre em estágios separados. “O desenvolvimento ocorre aos solavancos; mudanças qualitativas são certamente uma de suas características mais óbvias” (STERN, 1985, p. 8). Saltos quânticos de desenvolvimento ocorrem em um modo fractal de relação, em que os eventos se estruturam a partir de eventos, cada um deles afetando ao mesmo tempo o bebê e o ambiente, alterando o que Stern chama de “sentir social” do bebê. Em uma crítica direta a qualquer sistema que busque conter a experiência e o desenvolvimento, Stern escreve:

Eu questiono toda a noção de fases de desenvolvimento direcionada a questões clínicas específicas, como oralidade, apego, autonomia, independência e confiança... As mudanças quânticas

11 Para William James, o empirismo radical é uma busca filosófica que considera a relação como central para o estudo de todos os fenômenos. Quando a relação é “tão real” quanto os objetos/humanos estudados, o efeito disto é a alteração no ponto de partida para a investigação sobre aquilo que o afeta imanentemente (ver James [1996]; ver também Manning [2009b]).

12 O desejo da teoria psicanalítica de limitar o comportamento a fases distintas sugere, como observa Stern, que os processos não são explorados ontogeneticamente (no nível de sua emergência), mas ontologicamente (na matriz do ser ou ter se tornado). Stern (1985, p. 45) pergunta: “e o processo em si – a própria experiência de dar saltos e criar relações ou consolidar esquemas sensorio-motores. Pode o bebê experimentar não apenas o senso de uma organização já formada e compreendida, mas o vir-a-ser de uma organização?”. A crítica de Stern à teoria psicanalítica é a de que ela não se inclina a explorar as complexidades processuais do desenvolvimento/emergência como um espaço-fase fractal que contém estratos entrelaçados. As noções tradicionais de teóricos clínicos tem trazido o conhecimento do observador sobre os bebês – isto é, a diferenciação relativa comparada com a visão diferenciadora das crianças mais velhas. Isso foi reificado, devolvido ou atribuído aos bebês como seu próprio senso subjetivo dominante das coisas (*Ibid.*, p. 46).

13 Seguindo a linha filosófica de pensadores como Alfred North Whitehead (1978) e Gilles Deleuze e Félix Guattari (1987), o “evento” é aquilo através do qual a experiência se coalesce em atualidade. Não há nada fora do evento que possa ser conhecido como tal (o que não é experienciado permanece virtual). Essa coalescência é como nós experienciamos o mundo, e seu perecimento em eventos subsequentes é o que fornece a diferenciação de onde emergem os sentidos do self em Stern.

no 'estar presente' e no 'sentir' social do bebê não podem mais... ser atribuídas à saída de uma fase-função de desenvolvimento específica e entrada na seguinte. (*Ibid.*, p. 10).

Novos sentidos de self são a chave para o modelo de desenvolvimento proposto por Stern. Contrário à ideia de que o self repousa em uma contenção da pele, Stern propõe que os si-mesmos (*selves*) se constroem a partir e através uns dos outros, em íntima relação com um ambiente sempre cambiante. Esses sentidos de self são definidos como si-mesmos (*selves*) emergentes, nucleares, subjetivos e verbais, e nenhum deles é estritamente sucessivo ao outro: "Uma vez formados, cada sentido de self permanece plenamente funcional e ativo ao longo da vida. Todos continuam evoluindo e coexistindo" (*Ibid.*, p. 22).

Os sentidos de self em Stern são mais que fases, são espaços-fases fractais compostos de estratos entrelaçados. Nunca um estrato está completamente desarticulado de outro na emergência criativa de sentidos de self. Pelo contrário, os estratos enredam-se através e por cima uns dos outros. À medida que a criança envelhece e começa a falar, por exemplo, sua sensação de ser uma entidade física, coerente e dotada de intencionalidade – dando ênfase à disposição dos estratos rumo à organização – pode-se confundir com a frustração de não conseguir articular a sensação de intensidade que nutre essa coerência – levando a ênfase da disposição dos estratos rumo ao virtual ou à imanência. Todo devir é marcado por esta dupla articulação. Não há qualquer estado pré e pós-verbal estável. Não há qualquer identidade estável que se articule de uma vez por todas. O devir-humano exprime-se singular e repetidamente ao longo de uma vida, na passagem do sentimento de conteúdo para o conteúdo do sentimento, da força de fluxos divergentes para uma integração sistemática. Isso não significa uma contenção rumo a um self estável. Trata-se de uma coesão momentânea que podemos chamar de sentido de self, o qual retém sempre algo da força que dirigiu sua unificação, um efeito virtual que age feito sombra sobre todo e qualquer sonho de contenção. A dupla articulação nos impossibilita esquecer que pontos singulares de identificação permanecem sempre engolfados pelas forças complexas de sua iteração. Não há um si-mesmo (self) que não seja também emergente, pré-verbal e afetivamente orientado à individuação.

O afeto é central à análise de Stern sobre como os sentidos de self se desenvolvem. Buscando ir para além da concepção limitante de esquema sensorio-motor, que propõe ligações diretas entre órgãos e objetos, Stern desenvolve a ideia de "afetos de vitalidade". Mais que qualquer outro aspecto de seu trabalho sobre os sentidos pré-verbais do self e sobre as individuações emergentes, é a ideia de "afeto de vitalidade" que desarticula a noção de self como contenção.

Os afetos são geralmente entendidos como a força pré-verbal daquilo que se tornará as emoções. Os afetos de vitalidade compreendem uma gama de afetos que são "induzidos por mudanças em estados motivacionais, apetites e tensões" (STERN, 1985, p. 54). Para entender os afetos de vitalidade e o papel que desempenham em processos emergentes na infância, é crucial

tratar do conceito de amodalidade em Stern. Afastando-se da ideia de apresentação dos sentidos – na qual o sentir é localizado na pele, associado diretamente ao toque, por exemplo – Stern enfatiza as pesquisas que mostram como os recém-nascidos operam por transferência transmodal (*cross-modal transfer*). A transferência transmodal – por exemplo, a sensação de toque que ocorre no ver – acontece sem uma curva de aprendizado distinta. “Nenhum aprendizado é necessário inicialmente, e todo aprendizado subsequente sobre as relações entre modalidades pode ser construído a partir dessa base inata” (*Ibid.*, p. 48). A correspondência transmodal, e mais ainda a amodalidade, argumenta Stern, não é reflexo. É eventualidade (*eventness*) em ação. Ela transcende o “canal” do sentido, articulando um espaço-entre supramodal onde eventos-sentidos tomam forma que nem são diretamente associadas a um órgão nem a um objeto. A amodalidade evidencia não o sentido em si, mas seu potencial relacional. “Não é, portanto, uma simples questão de tradução direta entre modalidades. Mais que isso, ela envolve uma codificação numa representação amodal ainda misteriosa, que pode então ser reconhecida em qualquer um dos modos sensoriais” (STERN, 1985, p. 51). A amodalidade revela como o bebê é capaz de funcionar confortavelmente na concretude abstrata daquilo que é radicalmente empírico: a relação.

O bebê não é uma tábula rasa (ou um protocontentor) na qual, ou dentro da qual, o mundo se inscreve. O bebê é em si uma experiência emergente, uma individuação de estratos entrelaçados ativos na criação ontogenética de mundos (*worldings*). Esses mundos (*worldings*) são afetivos. Eles e o bebê constituem-se um no outro, transformando, em cada nível dos estratos coconstitutivos da experiência, o ser e o mundo (*being and worlding*) em sua aproximação. Esse ajuntamento não se baseia na confirmação cognitiva. É pré-consciente, situado em uma pura consciência experiencial. É um imanente devir-presente da experiência na experiência, o sentimento de um “*déjà-vu*” em uma agoridade que não tem ainda um passado ou um futuro. Na experiência pura e pré-consciente da criação ontogenética de mundos (*worlding*), não nos sucumbimos ainda à promessa do tempo linear, vivendo ao invés disso na topologia ativa dos espaços-tempos da experiência que a maioria dos adultos passa a vida resistindo. No âmago dessas topologias experienciais, está o afeto de vitalidade.

Os afetos podem ser considerados como supramodais. Eles operam cruzando registros: “uma experiência de afeto não está ligada a nenhuma única modalidade de percepção” (STERN, 1985, p. 53). Afetos pré-conscientes alteram a força do evento, moldando-o para além sua constituição atual. Os afetos extrapolam o domínio do (trans)modal, tendendo em direção à borda da experiência onde a amodalidade toma forma. Um afeto de vitalidade faz isso de forma ainda mais sutil, operando como um tipo de evento virtual que atravessa múltiplas atualizações. Se, para o senso de self em Stern, a experiência direta se desdobra predominantemente na direção dos estratos organizacionais, o afeto de vitalidade pode ser entendido como um infraestrato qualitativo e coconstitutivo que proporciona um sentimento imanente de propensão na constituição do evento. A organização é, portanto,

sempre experiencial e afetiva – um acolhimento imanente de relações. De acordo com Suzanne Langer (*apud* STERN, 1985, p. 54), essa qualidade da virtualidade nos acompanha em “todos os processos vitais da vida, como respirar, sentir fome... excretar, adormecer... ou no sentir o vaivém das emoções e pensamentos”. Nunca estamos sem a sua presença. Os afetos – ou o que Stern chama de afetos categóricos – atravessam esse sentimento de propensão ativado pela vitalidade, mais intensa e forçosamente alterando a trajetória do devir-evento.

Desde o nascimento, o bebê está imerso em sentimentos de vitalidade que se convertem em afetos de vitalidade (STERN, 1985). Esses sentimentos articulam duplamente a relação entre conteúdo e expressão. Eles tornam palpável o fato de que conteúdo e expressão são dois aspectos do mesmo estrato: “[...] a expressão não tem menos substância que o conteúdo nem o conteúdo, menos forma que a expressão” (DELEUZE; GUATTARI, 1987, p. 44). Os afetos de vitalidade expressam, matizando-se em e a partir do conteúdo. A experiência é, desde o início, impregnada pela realidade dessa dupla articulação<sup>14</sup>. Os afetos de vitalidade são infinitamente geradores e resultantes de multiplicidades. Eles não podem ser afixados ou associados por qualquer razão ao conteúdo de uma ação. Stern fala de “mil sorrisos, mil levantadas de cadeiras, mil variações na performance de todo e qualquer comportamento, e cada um apresenta um afeto de vitalidade diferente” (STERN, 1985, p. 56). Os afetos de vitalidade funcionam em um campo de relações: eles se mesclam ao sentimento de propensão da experiência e emergem como o sentimento do evento.

Stern escreve: “[...] o mundo social vivido pela criança é primordialmente um mundo de afetos de vitalidade, antes de ser um mundo de ações formais” (*Ibid.*, p. 57). Os afetos de vitalidade coloreem os eventos imanentes. Ainda não experimentados como tais, eventos imanentes são o campo através do qual a experiência começa a se formar. O senso fundamental do self em Stern depende dessas experiências, não para criar uma pele-contenção, mas para se enredar em novas formas de relação. Essas novas formas de relação, por sua vez, nutrem o processo através do qual o bebê afere diferenças. A diferença é como a individuação ocorre: não através da estratificação do self e do outro ou do dentro e do fora. A diferença fortalece trocas processuais entre estratos que ressaltam e embasam modos de experiência, cada qual afetado por impulsos de alcance (*reachings-toward*). Sentos de coerência emergem e se desdobram em sentimentos de acalanto, intensidade, textura, angústia. A coerência no domínio do evento constitutivo.

O evento, nutrido por afetos de vitalidade, impelido por revezamentos amodais e redirecionado por afetos categóricos, toma a forma não de distintas “coisas vistas, ouvidas ou tocadas”, mas de “qualidades de forma, de número, de nível de intensidade” (*Ibid.*, p. 57). A experiência pré-consciente é pura e direta, no sentido de que ela dispõe eventos virtuais na cúspide de seus tornarem-se-atuais. Nesse entrelaçamento com o qualitativo, uma

14 Real, aqui, é um gesto em direção ao virtual. Reais, mas não necessariamente atualizadas, as articulações duplas levam a sentir o mais-que da experiência atual.

vivência do sentimento gera a materialização da expressão. Esta materialização é a dinâmica própria do tornar-se self.

Stern sugere que a sintonia afetiva é a chave do devir interpessoal. A sintonia afetiva é um outro modo de relação imanente na qual a relação é radicalmente anterior à pretensa unidade do self. A sintonia é um mesclar-se-com os afetos de vitalidade nas experiências, direcionado a eventos emergentes. Não é um sentimento-de, mas um sentimento-com. Na sintonia afetiva, ocorre uma fusão relacional que cria uma transdução de afetos de vitalidade em torno de novos contornos afetivos. Esta experiência não é redutível aos polos do evento, mãe e filho, mas acontece no seu intervalo e é coconstitutiva de seu devir fundido.

Na primeira infância, argumenta Stern (1985, p. 63), “[...] a relacionalidade interpessoal ainda não existe distinta da relacionalidade com as coisas”. Uma bebê não está pronta para reagir a um humano mais que à qualidade e textura da luz/forma ou ao toque do som. Isso não significa necessariamente que ela esteja num *continuum* autista, como sugerido por Ogden (1989), sobretudo se partimos do princípio que o autismo refere-se a uma falta de relação. No período inicial da vida de uma criança (e talvez na maior parte da vida de uma pessoa autista), o potencial relacional está em seu extremo. Esta hiper-relacionalidade ainda não encontrou maneiras de subtrair singularidades, uma subtração que permitirá mais tarde destacar os eventos do complexo bombardeio relacional de seu pano de fundo. Para o bebê, a experiência é uma fusão qualitativa de borda e contorno, intensidade e afeto. “O bebê é associal, mas em virtude de ser indiscriminado, não em virtude de ser indiferente, tal como sugerido pelas formulações psicanalíticas que postulam uma barreira aos estímulos, algo que protegeria a criança nos primeiros meses de vida” (STERN, 1985, p. 63).

A associação com o autismo pode ser importante para enfatizar como multiplicidade/relação e contenção/interação são diametralmente opostas. Em seu vídeo *In My Language*<sup>15</sup>, Amanda Baggs enfatiza essa diferença fundamental e os resultantes mal-entendidos que ela provoca sobre o autismo e a primazia do verbal<sup>16</sup>. Através da criação de um ambiente emergente que ganha vida com as complexas sensações de um corpo em movimento, Baggs torna sensíveis a tonalidade afetiva e a força relacional de cada encontro pessoa-ambiente. Hiper-relacionais, seus movimentos dão vida ao ambiente numa complexidade que não pode ser abordada apenas na linguagem verbal. Não há ali nenhuma interação padrão ou contenção, nenhum senso de sujeito e objeto ou de self e self. Em lugar disso, o que ganha existência é um rico campo de relações ativado através de múltiplos estratos entrelaçados em uma contínua dupla articulação entre conteúdo e expressão.

Em grande parte da literatura sobre o assunto, o autismo está associado à incapacidade desenvolvimentista de criar

15 Para ver o vídeo *In My Language*, de Amanda Baggs, visite <http://www.youtube.com/watch?v=JnylM1h12jc> Último acesso feito em dez. de 2018.

16 O verbal frequentemente depende da subtração do pano de fundo para que as palavras tomem o primeiro plano na primazia da interação self-self. Isso não significa que a linguagem não pode ser também relacional. Para explorar o potencial afetivo da linguagem no vídeo *In My Language*, de Amanda Baggs, consulte *Propositions for Thought in Motion* (MANNING, 2009b).

relações significativas (empáticas). *In My Language* contraria vigorosamente esta afirmação, politizando-a ao sugerir que a pessoalidade está diretamente associada por muitos com a interação verbal (empática). Propondo um modelo inteiramente diferente, assentado em uma ética da diferença, o vídeo de Baggs a lança em uma sinfonia de sons e movimentos: assistimos extasiados a ela se mover através do ambiente e este através dela, sentindo com as formas e forças do ambiente, expressando-o tal como ele a expressa. Com ou sem linguagem (a segunda parte do vídeo inclui linguagem)<sup>17</sup>, Baggs se esforça para demonstrar que relação é como o mundo emerge para ela. Não há nada além da relação. E isso é justo o que mais dificulta a interação na forma que associamos ao self contido. A contenção não é na e nem de sua experiência, e ela não consegue facilmente subtrair-se da hiper-relação de sua experiência sinestésica e transmodal para se apresentar como um self verbal unificado. Ela escreve:

Quero dizer que, quando estou perto de um grupo de pessoas, suas vozes podem se transformar no som da água, seus movimentos podem se misturar de vários modos, mas em seus movimentos eu vejo padrões, não só individuais, mas de pessoas interagindo dentro de um grupo, e o lugar dos indivíduos dentro do grupo, e seus efeitos sobre o grupo e o efeito do grupo sobre eles, e de cada um sobre os demais. Eu vejo isso *particularmente* bem quando não estou tentando entender o que eles dizem uns aos outros. (BAGGS, 2006b)

A complexidade dos afetos de vitalidade e como eles criam campos de intensidade fica aparente no depoimento de Baggs sobre o desafio de enfrentar ambientes sociais. Como ela deixa claro, não é que ela “se retire” ou que ela não consiga se engajar. É que o sentimento do evento – seu afeto de vitalidade – assume tal importância que ela não consegue desprender um “self contido” da emergência dinâmica do evento. Amanda Baggs experiencia a vitalidade do evento, a força de seu tomar-forma. Essa experiência, por sua vez, molda-a, evocando um campo de relações,

17 Amanda Baggs usa um computador e um sintetizador de voz para conseguir falar e seria considerada uma autista “de baixa funcionalidade” por muitos médicos e pela maioria das pessoas em um encontro presencial. Pessoas autistas com baixa funcionalidade são classicamente entendidas como incapazes de se relacionarem ou de realizar comunicações significativas. Em uma disputa num blog da web com o famoso autista de “alta funcionalidade” Temple Grandin, Amanda Baggs se mostra indignada com a separação categórica de Grandin entre os autistas de baixa funcionalidade e os de alta funcionalidade. Grandin (2006) escreve: “Eu penso que, em um mundo ideal, você não quer pessoas que não conseguem falar, mas, por outro lado, você definitivamente também não quer se livrar de toda a genética autista, porque, se você fizesse isso, não haveria cientistas. Afinal, quem você acha que fez a primeira lança de pedra nas cavernas? Não foram as pessoas realmente sociais... Um pouco do traço do autismo fornece vantagens, mas em demasia cria um indivíduo de baixa funcionalidade que não consegue viver de forma independente. O paradoxo é que formas mais brandas de autismo e de Síndrome de Asperger fazem parte da diversidade humana, mas o autismo grave é uma grande deficiência. Não há linha divisória fixa demarcada entre um cientista brilhante e excêntrico e um portador de Asperger... Em um mundo ideal, o cientista deve encontrar um método para prevenir as formas mais severas de autismo, mas permitir que as formas mais leves sobrevivam.” Amanda Baggs (2006a) responde: “Perceba que eu penso que a divisão entre baixa funcionalidade e alta funcionalidade é completamente artificial. Eu não me considero enquadrada em nenhuma das duas categorias, porque eu não acho que seja possível dividir o autismo dessa maneira. Eu não acho que há um *continuum* direto entre um portador de Síndrome de Asperger e um ‘autista total’. Eu acho que há muitos aspectos do autismo que podem ser diferentes em cada pessoa, o que compromete a possibilidade de traçar uma linha nítida, como se o autismo fosse um traço que varia em “gravidade”. Digo isso porque às vezes as pessoas têm a impressão de que eu me considero de baixa funcionalidade. Eu não me considero. Mas também não me considero de alta funcionalidade”.

em vez de um self interativo e estático. Interagir de um modo autocontido e verbal envolveria processar esse tomar-forma em uma única atividade. Para Baggs, isso significaria viver ao mesmo tempo na pura experiência e no modo do evento atual.

Os bebês estão mergulhados em pura experiência. Este estado de quasi-consciência pertence à borda, não ao centro. Só pertence à pele se esta for considerada em suas dobras topológicas com e através do mundo. É um estado relacional, amodal. Ele alcança a experiência no fazer. Nesse estado, o mundo é percebido diretamente. As qualidades são desveladas e, através da dupla articulação entre conteúdo e expressão, sentidos individualizantes de self começam a emergir. Sentimentos predominam, não cognições, ações ou percepções. Esses sentimentos são coconstitutivos do ser e dos mundos criados (*worldings*), sempre investidos no meio (*milieu*) e em suas associações. Estas associações são abstratas, nunca deliberadamente lineares ou causais.

Os elementos que compõem essas organizações emergentes são simplesmente unidades subjetivas diferentes daquelas dos adultos, que, na maior parte das vezes, acreditam que experienciam subjetivamente unidades, tais como pensamentos, percepções, ações..., porque eles precisam traduzir a experiência nesses termos de modo a poder codificá-la verbalmente. (STERN, 1985, p. 67).

A relação bebê-mundo sintoniza afetivamente com o campo de forças de eventos em formação. Essa sintonia afetiva é um compartilhamento de infraestratos afetivos que não é nem um contágio nem uma imitação. A sintonia afetiva é um pré-consciente sintonizar-com uma tendência que desencadeia um novo conjunto de relações que, por sua vez, impulsiona a criação de um evento afetivo singular. Sutis e contínuas, as sintonias afetivas “dão muito da impressão da qualidade do relacionamento” (*Ibid.*, p. 141). Cuidadoso em não vincular a sintonia afetiva à empatia ou à correspondência de comportamento, Stern a define como uma correspondência de sentimentos. Se o sentimento não está associado a algo, mas é o ambiente relacional para o evento, segue-se, me parece, que a sintonia afetiva não precisa ser localizada apenas na escala humana. A sintonia afetiva leva a sentir os contornos de ativação da experiência, a intensidade, como diria Suzanne Langer, do sentimento virtual. Quando concebida para além da interação humana, a sintonia afetiva poderia muito bem descrever o ambiente relacional cocriado pelo movimento e pelo som no vídeo *In My Language*, de Amanda Baggs. Sintonia afetiva: um campo aberto de diferenciação a partir do qual uma singularidade de sentimento emerge e imerge. Uma correspondência não de conteúdo, mas de expressão.

Singularidades como os si-mesmos (*selves*) emergentes são coconstituídas em um campo de experiência. Elas buscam alcances dentro de um mundanizar (*worlding*) que se torna elas. Esse mundanizar (*worlding*) é intensificado pelos afetos de vitalidade que se sintonizam com o mundo, invocando locais de pouso<sup>18</sup>. Esses locais de pouso são menos um nó específico do

espaço-tempo que as condições para o impulso da atualização do evento. No vídeo de Amanda Baggs, *In My Language*, sentimos os locais emergentes de pouso toda vez que um contorno começa a soar, tomando-forma no evento de sua expressibilidade. Locais de pouso são campos de força propensos ou tendentes-para uma forma relacional. Através da eventualidade (*eventness*) da força tomando forma, o ambiente coalesce em uma singularidade à qual podemos anexar conteúdo. Mas, para o bebê, o autista ou o adulto, esse devir-evento da criação de mundos (*worlding*) ou do pouso é, antes de qualquer coisa, um sentimento, um modo de se relacionar, um modo de engajamento. Subtraído em uma ocasião atual, o evento dobra a infinidade de pousos potenciais em uma iteração singular. Essa iteração pode sempre individuar novamente, sob diferentes e novas condições. A individuação acontece na superfície, não da pele, mas de uma multiplicidade plana, “[...] espaço liso, amorfo, [constituído] por acumulação de vizinhanças... cada acumulação [definindo] uma zona de indiscernibilidade própria ao ‘devir’ (mais que uma linha e menos que uma superfície, menos que um volume e mais que uma superfície)” (DELEUZE; GUATTARI, 1987, p. 488). Quando a pele se torna não um invólucro contendor, mas uma superfície topológica multi-dimensionada que se dobra em, através e para além dos espaços-tempos da experiência, o que emerge não é um si-mesmo (*self*), mas a forma dinâmica de um mundo-em-criação (*worlding*) que recusa qualquer categorização. Além do humano, além do sentido do tato ou da visão, além do objeto, o que emerge é relação.

## Referências

- ARAKAWA; GINS, Madeline. **The Architectural Body**. Alabama: University of Alabama Press, 2002.
- BAGGS, Amanda. Temple Grandin, Displaying Near-textbook “HFA/AS elitism”. In: **Ballastexistenz**, 2006a. Disponível em: <<http://ballastexistenz.autistics.org/?p=27>>. Acesso em: maio 2009.
- BAGGS, Amanda. Doing Things Differently. In: **Ballastexistenz**, 20 nov. 2006b. Disponível em: <<http://ballastexistenz.autistics.org/?p=242>>. Acesso em: maio 2009.
- BICK, Esther. The Experience of the Skin in Early Object Relations. In: HARRIS, M. (ed.) **The Collected Papers of Martha Harris and Esther Bick**. Perthshire: Clunie Press, p. 114–18, 1987.
- BICK, Esther. Further Considerations on the Function of the Skin in Early Object Relations. In: BRIGGS, Andrew (ed.). **Surviving Space: Papers on Infant Observation**. Londres: Karnac, pp. 60–71, 2002.
- BRIGGS, Andrew. Introduction. In: BRIGGS, Andrew (ed.). **Surviving Space: Papers on Infant Observation**. Londres: Karnac, pp. 1-26, 2002.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **A Thousand Plateaus**. Tradução: Brian Massumi. Minneapolis, MN: Minnesota University Press, 1987.
- GRANDIN, Temple. Interview with Temple Grandin. In: **WrongPlanet.net**, 2006. Entrevista concedida a Alex Plank. Disponível em: <<https://wrongplanet.net/interview-with-temple-grandin/>>. Acesso em: maio 2009.
- JAMES, William. **Essays in Radical Empiricism**. Nebraska: University of Nebraska Press, 1996.
- LAFRANCE, Marc. Skin and Self: Cultural Theory and Anglo-American Psychoanalysis. **Body & Society**, n. 15, v. 3, pp. 3–24, 2009.
- MANNING, Erin. **Politics of Touch: Sense, Movement, Sovereignty**. Minneapolis, MN: Minnesota University Press, 2007.
- MANNING, Erin. **Relationscapes: Movement, Art, Philosophy**. Cambridge, MA: MIT Press, 2009a.
- MANNING, Erin. 7 Propositions for the Impossibility of Isolation, or, The Radical Empiricism of the Network. In: DEKKER, Annet; WOLFSBERGER, Annette (Eds.). **Walled Garden**. Amsterdã: Virtuel Platform, 2009b.

OGDEN, T. **The Primitive Edge of Experience**. New Brunswick, NJ: Jason Aronson, 1989.

STERN, Daniel. **The Interpersonal World of the Infant** – A View from Psychoanalysis and Developmental Psychology. Nova York: HarperCollins, 1985.

WHITEHEAD, Alfred North. **Process and Reality**. Nova York: Free Press, 1978.